

# Celular é artigo básico

DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

**C**elulares em punho, ligações a todo o momento. A cena que lembra altos executivos de multinacionais pode ser presenciada também nas periferias do Distrito Federal. Mesmo nos bolsões de pobreza da capital, o índice das casas com a tecnologia é alto. Ao todo, 74,5% dos lares da capital têm, pelo menos, um aparelho. A região que menos usa o serviço é Itapuã, onde a telefonia móvel chega a quase metade (47,2%) das casas. Na Estrutural, o índice sobe para 55,1%. Nas regiões mais ricas, como os Lagos Norte e Sul e o Sudoeste, os percentuais são respectivamente de 97,7%, 97,4% e 96,9%.

“Os altos índices mostram modernização. O DF é moderno não só em sua arquitetura, mas também na estrutura e organização sociológica”, explica o coordenador da Pós-Graduação de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasilmar Ferreira Nunes. Ele aponta a necessidade e o baixo custo como o principal fator de adesão à telefonia móvel. “Nos bolsões de pobreza, a maioria dos trabalhadores sobrevive de trabalhos temporários e, por isso, dependem dos celulares, quase na totalidade pré-pagos.” É o caso do vendedor de rapaduras Jaime Júnior. Pelo celular, ele recebe as encomendas e pedidos de entrega. Aos 23 anos, o rapaz tira no comércio do doce o sustento para ajudar a família que mora na invasão da Estrutural. Na casa de dois cômodos e banheiro, vive a irmã, cunhado, pai e três sobrinhos. O cunhado está desempregado há três meses, o que exige ainda mais empenho de J.J., nome pelo qual o vendedor se apresenta.

**“NOS BOLSÕES DE POBREZA, A MAIORIA DOS TRABALHADORES SOBREVIVE DE TRABALHOS TEMPORÁRIOS E, POR ISSO, DEPENDEM DOS CELULARES”**

*Brasilmar Ferreira Nunes, coordenador da Pós-Graduação de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB)*

Com a venda de rapaduras, negociadas pelo celular, ele consegue ganhar cerca de R\$ 200 por mês. Renda que ajuda a pagar as contas e a comprar comida para

dor da Pós-Graduação de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Brasilmar Ferreira Nunes. Ele aponta a necessidade e o baixo custo como o principal fator de adesão à telefonia móvel.

“Nos bolsões de pobreza, a maioria dos trabalhadores sobrevive de trabalhos temporários e, por isso, dependem dos celulares, quase na totalidade pré-pagos.”

É o caso do vendedor de rapaduras Jaime Júnior. Pelo celular, ele recebe as encomendas e pedidos de entrega. Aos 23 anos, o rapaz tira no comércio do doce o sustento para ajudar a família que mora na invasão da Estrutural. Na casa de dois cômodos e banheiro, vive a irmã, cunhado, pai e três sobrinhos. O cunhado está desempregado há três meses, o que

exige ainda mais empenho de J.J., nome pelo qual o vendedor se apresenta. Com a venda de rapaduras, negociadas pelo celular, ele consegue ganhar cerca de R\$ 200 por mês. Renda que ajuda a pagar as contas e a comprar comida para

Edilson Rodrigues/CB



## COMUNICAÇÃO

**JAIME JÚNIOR (DE CAMISA VERMELHA) MORA COM A FAMÍLIA NA ESTRUTURAL E NÃO ABRE MÃO DO CELULAR: INVASÃO NÃO TEM SERVIÇO DE TELEFONIA FIXA**

tanta gente. Os 14,5 mil habitantes da invasão só contam com o serviço de telefonia pública, que nem sempre funciona. Sem a regularização do lugar, o poder público não libera a instalação de telefones fixos. Assim, os aparelhos móveis são, por vezes, a única opção para quem deseja manter contato com a família ou garantir os negócios.

Apesar das dificuldades, a família de J.J., que veio de João Pessoa (PB) há dois anos, não recla-

ma. Na geladeira, tem mamão, abacaxi, tomate e abóbora. Uma raridade na vizinhança. “No começo chorava muito. Na minha cidade morava em um apartamento da prefeitura”, conta a rissonha a irmã de J.J., Rejane da Silva, 21 anos, que garante que hoje gosta da lugar em que vive.

### Abismo social

O abismo socioeconômico entre os mais ricos e os mais pobres do Distrito Federal volta a se dis-

tanciar quando são analisados os bens de consumo. Os índices revelam que o acesso às novas tecnologias diminui à medida que as regiões se afastam do centro político-administrativo da capital. Computador e acesso à internet continuam um privilégio dos mais favorecidos financeiramente.

Enquanto no Lago Norte, nove em cada dez domicílios têm computadores, nos assentamentos e invasões, o índice se apro-

xima do zero. Em Itapuã, o percentual é de 0,2%, a Estrutural fica em penúltimo com 0,3% e o Varjão vem logo acima com 1,7%. Quando a comparação leva em consideração o acesso à internet, a discrepância é ainda maior. Nenhum dos entrevistados pelos técnicos da Codeplan em Itapuã está conectado à rede mundial de computadores. Em média, 31,6% das famílias do DF têm computadores e 22,6% desses estão ligados à internet.